

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ-CESUMAR

ENOCK FERNANDES ALVES

**MÉTODOS E INTERPRETAÇÃO BIBLICA: ESTUDO HERMÊNUTICO E
EXEGÉTICO SEMIO-DISCURSIVO DE MC 2:15-17**

ARAPIRACA-AL

2016

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ-CESUMAR

MÉTODOS E INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

*Trabalho feito para o curso de Bacharel em Teologia na disciplina
MÉTODOS E INTERPRETAÇÃO BÍBLICA utilizando a
abordagem hermenêutica e exegética sêmio-discursiva*

ARAPIRACA-AL

2016

Sumário

1 – FASE PRELIMINAR.....	1
2 – FASE PREPARATÓRIA.....	3
3- FASE FINAL	4
3.1. I Ciclo- A dimensão espaço-temporal da ação	4
3.1.1 <i>Alistar</i>	4
3.1.2 <i>Analisar</i>	5
3.1.3 <i>Síntese</i>	6
3.2- II Ciclo – A dimensão teológica da ação	6
3.2.1- <i>Relações intertextuais e interdiscursivas</i>	6
3.2.2- <i>Análise das relações intertextuais e interdiscursivas</i>	7
3.2.3 <i>Síntese</i>	7
3.3- II Ciclo – A dimensão sociocultural da ação	8
3.3.1 <i>Sociedade</i>	8
3.3.2 <i>Cultura</i>	8
3.3.3 <i>Religião</i>	9
3.3.4 <i>Síntese</i>	9
3.4 IV Ciclo: A dimensão psicossocial da ação.....	9
3.4.1 <i>Reconstruir os percursos passionais</i>	9
3.5 V Ciclo: A dimensão missional da ação	11
REFERÊNCIAS.....	12

1 – FASE PRELIMINAR

De acordo com Mears (2007, p.404), a grande temática do livro de Marcos é apresentar Jesus como “o Servo de Deus”, ela conclui isso a partir do que está nas escrituras: “Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muitos.” (BÍBLIA, Mc 10.45). Ela afirma que, em contrapartida do que vemos no evangelho de Mateus, ao escrever esse livro, Marcos não pretendia explicitar algumas declarações e profecias sobre Jesus, mas, segundo ela, o objetivo de Marcos foi narrar sobre alguns atos de Jesus (muito mais que suas palavras) e, por consequência, o autor pretendia mostrar que Jesus é o Filho de Deus não pelas suas declarações, mas através da transformação que causou no mundo ao vir a Terra.

Como propósito do evangelho, Mears (2007, p.405) ainda aceita que o mesmo foi escrito por João Marcos, discípulo de Pedro e, por sinal, se percebe grande influência do ensino do apóstolo neste evangelho. Como enunciatários temos leitores romanos e, desta forma, devido à diferença dos mesmos para os judeus (estes eram mais pragmáticos, não estavam interessados em buscar raízes para suas crenças e eram indiferentes a genealogia e cumprimento de profecias), o autor escreve para um público que, de acordo com Henrietta, diria: “Nada sei das escrituras, nem me interessa suas ideias, mas gostaria ouvir da história simples da vida desse homem chamado Jesus. Conte-me o que ele fez; desejo conhece-lo exatamente como era” (Mears, 2007).

A perícopre descreve que eles estavam na casa de Levi, o qual havia sido chamado para ser discípulo há pouco. Dentre os que estavam na casa de Levi, o texto retrata os publicanos e “pecadores”. Os publicanos eram “Rendeiros dos impostos do governo romano, cobradores de tributos.” (DAVIS, 1984). O mesmo Davis (1884, p.490) explica que no lugar de nomear oficiais para a cobrança do fisco, os romanos punham em leilão os privilégios para arrecadação das rendas públicas. Como pagamento pelos serviços, os publicanos recebiam parte não fixada da proporção do imposto, logo, alguns deles tomavam largas proporções, o que os levava a serem desprezados por todas as classes sociais. Já os “pecadores”, segundo a Bíblia de Estudo NVI (2003) eram pessoas de má fama que se recusava seguir a lei de Moisés, conforme interpretava os mestres da lei, esse termo era

vastamente utilizado para os adúlteros, assaltantes e outros. Segundo Wegner (1998, p.185), entende-se, a partir do texto, que Levi antes de ser discípulo, era cobrador de impostos (“estava sentado na coletoria”) e que o fato da perícopes tratar de coletores de impostos, é possível compreender o motivo que Marcos colocou o relato sobre a vocação de Levi no versículo 14. Em última análise, ao citar que Jesus estava comendo com eles, a mesma Bíblia de Estudo explica que comer junto com alguém era sinal de amizade.

Em complemento, havia ainda nesse momento de comunhão, os discípulos de Jesus e, os fariseus que, tudo indica, não faziam parte da mesa de refeição. Define-se fariseu como:

“Nome de uma das três principais seitas judaicas, juntamente com os saduceus e os essênios. Era a seita mais segura da religião judaica. Com certeza, a seita dos fariseus foi criada no período anterior à guerra dos macabeus, com o fim de oferecer resistência ao espírito helênico que se havia manifestado entre os judeus, tendente a adotar os costumes da Grécia.” (DAVIS, 1984, p. 222).

Logo, faz-se necessário entender que os fariseus eram pessoas com grande conhecimento e zelo da lei de Deus e, de certa forma, os comentários por eles tecidos tinham grande influência na sociedade judaica.

Já a escrita deste evangelho, de acordo com a Bíblia de Estudo NVI (2003), data do final da década de 50 ou no início da década de 60. Portanto, conclui-se a partir dessa informação que sua escrita nos leva a um tempo anterior a destruição do templo, no ano 70 d.C. Já de imediato, conforme lembra Zabatiero (2016, p. 39), entende-se um pouco da situação que os Cristãos estavam vivendo e a grande influência da cosmovisão judaica tinham sobre o povo, visto que os cristãos e os judeus ainda viviam e dividiam alguns ambientes juntos, i.e., as sinagogas judaicas.

2 – FASE PREPARATÓRIA

O início dessa perícopa, de acordo com as Bíblia de Estudo Pentecostal (1995) e a Bíblia de Estudo NVI (2003) marcam o início no versículo 13, o qual inicia com Jesus a beira-mar ensinando a uma multidão. Logo em seguida, Jesus passa e vê Levi sentado na coletoria; chama-o e ele o segue. A próxima cena ocorre na casa de Levi onde não temos mais a grande multidão, mas os publicanos, pecadores, Levi e os discípulos comendo com Jesus. Em seguida, entram em cena os mestres da lei, os quais começam a arguir os discípulos de Jesus a respeito do posicionamento de Jesus. Por fim, Jesus toma a palavra e os responde.

Fazendo uma análise crítica, de acordo com Zabatiero (2016), temos a delimitação da perícopa quando há mudança de pessoa, tempo, espaço, vocabulário ou forma literária (gênero textual). Na verdade, apenas uma mudança não caracteriza a mudança de perícopa, contudo a partir de três dos cinco fatores acima, caracteriza o término. Enfim, a respeito da divisão supracitada proposta pelas Bíblias de Estudo, percebemos que o fim da mesma dar-se-á, realmente, no versículo 17, já que se percebe a alteração no verso 18 que retrata os discípulos de João Batista, onde se mudou o tempo, as pessoas e o espaço. Uma dúvida, contudo, é pertinente quando se analisa a disparidade entre os versos 13 e 14, com o quinze em diante. O tempo verbal muda, pois no verso 13 e 14 temos os verbos no pretérito perfeito: Jesus saiu, aproximou, começou e nos versos 15 em diante, temos o pretérito perfeito do indicativo com o gerúndio: pecadores estavam comendo com Jesus. Há ainda uma mudança de pessoas e lugar, conforme dito no parágrafo anterior. Logo, cabe (talvez) uma mudança de perícopa entre o verso 14 e 15.

Analisando a segmentação a partir da delimitação de perícopa proposta no parágrafo anterior, podemos dividi-la em quatro partes: a primeira no verso 15 o qual cita a cena da refeição na casa de Levi; a parte inicial do verso 16 que se inicia com quando os mestres da lei viram, ou seja, o momento de contemplação, análise e repudia dos fariseus; a segunda parte do verso 16, que os discípulos são arguidos a respeito da atitude deles e, por fim, o versículo 17 o qual Jesus responde a pergunta que nem foi feita a ele.

Já a estruturação pode ser dividida em:

A – Introdução à situação (v. 15).

B – Fariseus analisam Jesus (v. 16a).

C – Pergunta dos Fariseus aos Discípulos (v. 16b).

D – Resposta de Jesus (v. 17).

Alguns elementos no texto valem ser ressaltados para um entendimento posterior do plano de conteúdo. São eles: a preposição *durante* que inicia o verso 15, dando a ideia de permanência, de algo num tempo determinado. E ainda no versículo 16 temos o advérbio *quando*, expressando circunstância de tempo, ou seja, a ocasião que passa a acontecer o novo fato.

Em primeira análise, pode-se sintetizar a perícopé ressaltando o comportamento que Jesus teve ao se sentar com os publicanos e pecadores, não os excluindo do seu convívio. Por fim, a mensagem de Jesus conota um sentido de suprir as necessidades do homem e, a necessidade maior de toda que é o chamado de Jesus para os pecadores.

3- FASE FINAL

3.1. I Ciclo- A dimensão espaço-temporal da ação

3.1.1 Alistar

[Quem age, fazendo o quê, sendo caracterizado como]

Jesus: veio da beira-mar onde estava pregando a uma multidão (13) e chamou Levi para ser seu discípulo (14). Estava num almoço na casa do mesmo Levi, onde havia publicanos e pecadores almoçando com ele (15). Foi arguido indiretamente pelos fariseus a respeito dessa atitude (16) e caracterizou-se como alguém que veio ao mundo, justamente, para as pessoas semelhantes a que estavam na mesa com ele (17).

Levi: cobrador de impostos que abandonou a profissão para seguir a Jesus (14). Abriu a sua casa para que Jesus, os publicanos, os pecadores e os discípulos comessem com ele (15).

Publicanos: cobradores de impostos que, possivelmente, faziam parte da multidão que escutava Jesus na beira do mar.

Pecadores: pessoas de má fama que se recusava seguir a lei de Moisés, esse termo era vastamente utilizado para os adúlteros, assaltantes e outros. Eles também estavam na mesa com Jesus (15).

Discípulos: acompanhavam Jesus onde fossem. Estavam com ele no momento da refeição (15) e foram arguidos pelos fariseus a respeito da koinonia de Jesus com os publicanos e pecadores (16).

Fariseus: mestres da lei que, sabendo da influência de Jesus, o questionaram a respeito da sua atitude.

[... Onde]:

Na casa de Levi (15).

[... Quando]:

Durante uma refeição (15); quando os mestres da lei viram (16).

Verbos no pretérito imperfeito do indicativo: estavam (15), seguiam (15), eram (16) – ação no passado, mas que continua.

Verbos no pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viram (16), perguntaram (16) – indica um fato passado a outro também passado.

Verbos no gerúndio: comendo (15), ouvindo (17) – indicam ações concomitantes com o verbo principal estavam.

Verbos no presente do indicativo: come (16), são (17), precisam (17) – usado como ação incompleta.

Verbo no pretérito perfeito do indicativo: vim (17) – ação no passado, no modo completo e terminativo, ou seja, Jesus diz que já veio e as ações são a partir do seu término.

3.1.2 Analisar

[... Como estão organizadas as ações e relações no tempo e no espaço]

(a) Jesus vai à casa de Levi, com os discípulos, publicanos e pecadores; (b) todos estão comendo juntos; (c) os fariseus veem e repudiam este momento. O texto começa com quando os fariseus viram, ou seja, eles provavelmente não estavam comendo juntos, mas passaram e viram a cena; (d) os mestres da lei questionam os discípulos a respeito da comunhão com os publicanos e pecadores. O texto ressalta o desprezo que os fariseus sentiam tanto pelos publicanos, quanto pela atitude que Jesus e seus discípulos tiveram.

Quanto à organização temporal, percebem-se no texto os fatos sendo desencadeados em sequência e a fala do narrador se interpõe com as falas dos fariseus e de Jesus, trazendo certa dinamicidade e clareza na informação.

3.1.3 Síntese

O texto evoca o mais importante da vinda de Jesus: ele veio para os doentes e pecadores, ou seja, ele veio para toda a humanidade. O fato de Jesus ir à casa de um antigo cobrador de impostos (Levi) para comer com ele traz a tona um questionamento, de certo modo válido, levantado pelos fariseus: qual o lugar que ele deveria andar? Para os religiosos, estar no mesmo lugar que publicanos e pecadores não corroboravam com a beatitude que eles reivindicavam ter. O espaço periférico é validado pelo próprio Jesus que explica que o motivo da sua vinda excede os padrões adotados pela casta religiosa e propõe um verdadeiro caminho de cura e salvação para os pecadores.

3.2- II Ciclo – A dimensão teológica da ação

3.2.1- Relações intertextuais e interdiscursivas

Sabendo que os fariseus eram mestres da lei e que eles conheciam as escrituras vétero-testamentárias, podemos inferir que ao questionarem no versículo 16 a respeito de Jesus e seus discípulos estarem comendo com os publicanos e pecadores, provavelmente eles estavam fazendo referência aos escritos: “Como é feliz aquele que não segue o conselho dos ímpios, não imita a conduta dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores! Ao contrário, sua satisfação está na lei do Senhor, e nessa lei medita dia e noite” (BÍBLIA, SI 1.1,2). Segundo a Bíblia de Estudo NVI (2003, p.1677), alguns fariseus eram piedosos, contudo a maioria dos que entravam em conflito com Jesus eram hipócritas, invejosos, rígidos e formalistas. Contudo, todos conheciam muito bem a lei de Moisés.

Já no versículo 17, Jesus poderia estar declarando aquilo que fora dito outrora pelo profeta Isaías: “Então se abrirão os olhos dos cegos e se destaparão os ouvidos dos surdos. Então os coxos saltarão como o cervo, e a língua do mudo cantará de alegria” (BÍBLIA, Is 35.5,6a). ou ainda

“Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. Todos nós, tal qual ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós” (BÍBLIA, Is 53.5,6).

Os exemplos acima de interdiscursividade não foram extraídos de nenhuma fonte bibliográfica, logo poderão não estar certas.

3.2.2- Análise das relações intertextuais e interdiscursivas

Ao analisar as relações intertextuais e interdiscursivas, podemos chegar a algumas conclusões interessantes: Os fariseus ao declarar/interrogar a respeito de um conceito importante proveniente do Salmo primeiro, pode-se partir para duas hipóteses, sendo a primeira o fato desses fariseus não serem hipócritas e estarem apenas com uma interpretação equivocada a respeito do texto canônico. Por consequência, o que eles poderiam estar expressando era um zelo exacerbado, e bastante polêmico, quando se tratava de alguém que reivindicava estar ensinando a verdadeira palavra de Deus. A segunda hipótese (talvez a mais aceita devido aos demais posicionamentos contidos nos evangelhos) seria de que os mestres da lei buscavam, vorazmente, encontrar algo em Jesus para acusá-lo, utilizando, desta forma, de textos vétero-testamentários sem os seus respectivos contextos como pretexto da acusação. Tentado, a qualquer custo, encontra-lo em contradição.

Independentes da hipótese levantada no parágrafo anterior, ambas levam ao mesmo conceito teológico difundido por Jesus: uma releitura/reinterpretação dos textos antigos a qual, segundo a Bíblia de Estudo Pentecostal (1998, p.1404), o Senhor Jesus nos ensina como deve ser o nosso contato com os incrédulos, este não deve ser em busca de prazer, nem para uma estreita comunhão, mas para mostrar a eles o caminho da salvação.

3.2.3 Síntese

Tanto os fariseus quanto Jesus utilizaram de textos canônicos conhecidos entre eles. A intenção dos mestres da lei, apesar de não estar clara, nos leva a acreditar que um confronto com o Salvador está iminente. O zelo à palavra de Deus,

com intuitos corretos ou não, levaram os fariseus a questionar o mestre dos mestres com o intuito de provar contradição entre os seus ensinamentos e a ortodoxia judaica. Em última análise, Jesus mostrou que a interpretação deles ou era inocentemente falha, ou perspicazmente equivocada. O Senhor, portanto, traz o mesmo conceito abordado por Zabatiero (2016), que o amor vem em primeiro lugar, vindo muito antes do conhecimento e da sabedoria humana.

3.3- II Ciclo – A dimensão sociocultural da ação

3.3.1 *Sociedade*

Percebe-se no texto, em especial no versículo 15, a preposição durante e, posteriormente no mesmo verso, o verbo comer no gerúndio, precedido do verbo estar no pretérito imperfeito, dando uma ideia de continuidade à ação que levaria ao ato seguinte do verso 16. Esse tempo verbal nos induz a acreditar que Jesus passou um tempo naquela refeição, ao ponto dos fariseus passarem, analisarem e questionarem a situação. A cena não aparenta ser um momento efêmero e sem importância para Jesus, mas ele estaria dando atenção a aquelas pessoas que realmente precisavam dele. Por fim, essa hipótese se confirma ao analisar o desfecho da perícopes com a resposta do mestre aos fariseus.

3.3.2 *Cultura*

Conforme dito anteriormente, os publicanos faziam parte de uma casta da sociedade que era desprezada em todos os níveis. Já os “pecadores”, conforme também abordado, eram aqueles que eram principalmente marginalizados pelos fariseus, saduceus, essênios e todos os fiéis as escrituras de uma maneira geral. Nesse sentido, ao sentar-se a mesa, Jesus quebra muitos paradigmas e preconceitos de grande parte da população. Ao fazer isso, ele se mostra como o verdadeiro Messias que veio para chamar a todos, sem exceção. Em adição, o mestre ensina o valor do próximo, trazendo o conceito que, no íntimo deles, que todos são *imago dei*.

3.3.3 Religião

As escolas filosóficas predominantes, conforme cita Zabatiero (2016), eram os fariseus, saduceus e essênios. Jesus com a pluralidade do seu ensinamento, e trazendo a verdadeira interpretação dos textos bíblicos, ofende aos fariseus a tal ponto de tramar, em conjunto com os herodianos, a morte de Jesus (BÍBLIA, Mc 3.6). A vinda de Jesus como homem trouxe uma maior clareza aos ensinamentos outrora interpretados pelos fariseus. Uma mudança de paradigma muito violenta foi introduzida a todos que estavam à volta de Jesus. Ele tirava todos da zona de conforto e mostrava que alguns pressupostos precisavam ser modificados.

3.3.4 Síntese

Apesar do antagonismo aparente entre “sentar com os escarnecedores” e “vir para os pecadores”, Jesus, na verdade, estava mostrando um contraponto para as pessoas já que a norma social aceita pela maioria que, quando numa condição de pecador, o ser humano não tinha um valor especial e, em todo momento, deveria ser desprezado. Os novos paradigmas revelados por Jesus trouxeram uma releitura aos textos canônicos, dando um foco salvífico (missão messiânica) para aqueles que o buscam. Para tal ato, Jesus entrou em pseudo-conflito com as autoridades eclesásticas daquele tempo ao revelar o plano divino para o ser humano, culminando, em contrapartida, num artuculoso plano para a morte do mestre.

3.4 IV Ciclo: A dimensão psicossocial da ação

3.4.1 Reconstruir os percursos passionais

3.4.1.1 O percurso passional de Levi

Apesar de não estar explícita no texto, a moralização passional é positiva, pois é esperado que um discípulo honrasse seu mestre e tenha momentos de comunhão com ele. Alguém que outrora foi publicano e fora odiado por muitos, agora abre a sua casa para ter comunhão com muitos que, como ele, precisa receber da graça abundante do mestre. Nesse momento, Levi não está preocupado

com o que os outros vão falar, mas o cumprir a vontade de Jesus e ter comunhão com os necessitados se tornara prioridade em sua vida.

3.4.1.2 *O percurso passional de Jesus*

A informação mais explícita do texto é a paixão de Jesus, as quais podem ser facilmente evidenciadas na resposta dada aos fariseus. A tendência natural da humanidade caída é se afastar das más influências e daqueles que podem de alguma forma, denegrir a sua imagem. Num mundo onde a má interpretação do ditado “quem anda com porcos, farelos come”, não tem espaço para sair da zona de conforto e adentrar o território íntimo de pessoas que, devido às mazelas da vida, podem trazer poucos, ou até nenhum benefício para nossas vidas. Contudo, indo na contramão do mundo, Jesus derramou de compaixão por aqueles publicanos e pecadores, deixando a mensagem mais importante difundida pelo apóstolo João: “Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.” (BÍBLIA, Jo 3.16).

3.4.1.3 *O percurso passional dos fariseus*

Talvez essa seja o que há de mais misterioso no texto, pois os fariseus, sendo mestres da lei, eram zelosos no cumprimento da mesma. Jesus nunca se opôs ao fato deles conhecerem a lei, mas contestou a aqueles que colocavam o julgo de cumpri-la nos outros e eles mesmos não o faziam. Porém, também seria muito reducionismo acreditar que todos os fariseus eram hipócritas. Alguns deles, assim como o Ap. Paulo, poderiam estar lutando por aquilo que acreditava ser o zelo correto e o estavam fazendo de consciência tranquila. Ao questionar Jesus a respeito de uma atitude condenada em Salmos 1,1, pode-se crer que eles amavam tanto a lei ao ponto de se expor na frente de todos que comiam com Jesus.

O outro ponto de vista é o descrito na maioria dos casos: os fariseus não gostavam dos ensinamentos de Jesus e procuravam, em todo o tempo, uma maneira de desmascará-lo e condená-lo na frente de todo o povo. O ódio em determinados fariseus era tamanho que, como já mencionado anteriormente, já tramavam a morte de Jesus.

3.5 V Ciclo: A dimensão missional da ação

A perícopes denominada por mim de “Jesus veio para os doentes”, tematiza principalmente a razão divina da encarnação de Jesus e sua messianidade. Num ambiente espaço-temporal o qual as autoridades eclesiais sentiam-se ameaçada pelo discurso de um carpinteiro que, ao se apresentar como mestre e ter juntado com ele muitos seguidores, são desenvolvidos os acontecimentos. Jesus apresenta-se num espaço periférico que ele se introduzia como o salvador dos perdidos. Sem definir ainda os verdadeiros pecadores, Jesus apenas informa que os doentes são os que precisam do médico. Logo, quando alguém se considera menos pecador que outro, está, automaticamente, se considerando menos merecedor de Jesus em sua vida.

Um tipo similar de discurso pode ser visto em nossas vidas em diversos âmbitos: A má interpretação do Salmo 1, tem afastados os cristãos das pessoas que mais necessitam ouvir e ver o cumprimento da palavra de Deus. Segundo Espinosa (citado por ZABATIERO, 2016) só entende o texto bíblico se vivermos os seus preceitos. Ou seja, acreditar que está pregando o evangelho, ou até mesmo crer que entende as escrituras, não é verdade se, como Jesus, as boas novas não forem levadas aos que ainda não o conhecem. O fato principal é que, muitas vezes, os cristãos atuais se isolam da convivência sadia com os seus semelhantes crendo, erroneamente, que essa atitude o estará levando a um estado de santidade e separação das coisas ditas “do mundo”. Apesar de haver um discurso positivista nessa situação, ela dar-se-á devido a uma compreensão, amiúde, de superioridade no quesito santidade e devoção a Deus. Em poucas palavras, além de não entender o sentido verdadeiro do Salmo 1, ainda desconhece a posição própria de pecador e da necessidade da graça e misericórdia de Deus.

Em última análise, o discurso marcano salienta a identidade messiânica de Jesus e a maneira que ela deveria funcionar em relação à crítica do pensamento e prática institucionalizada pelo clero antigo e, desta forma, no nosso tempo, convida as igrejas e suas lideranças a pensarem a respeito do seu envolvimento com todas as camadas da sociedade, não esquecendo, em hipótese alguma, o compromisso missionário da grande comissão no presente.

REFERÊNCIAS

MEARS, Henrietta C., **Estudo Panorâmico da Bíblia**. 2 ed. São Paulo-SP: Editora Vida, 2006.

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo NVI**. Tradução: Nova Versão Internacional. São Paulo-SP: Editora Vida, 2003.

DAVIS, John D., **Dicionário da Bíblia**. 10 ed. Rio de Janeiro-RJ: Junta de Educação Religiosa e Publicações – JUERP, 1984.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. 7 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. **Teologia Bíblica**. Maringá-PR: UniCesumar, 2016.

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Tradução: Almeida Revista e Corrigida Edição de 1995. São Paulo-SP: Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD, 1995.

ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. **Métodos e Interpretação Bíblica**. Maringá-PR: UniCesumar, 2016.

ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. **Métodos e Interpretação Bíblica - Notas de aula Conceitual**. UniCesumar. Núcleo de Educação a Distância, 2016.